



O CORPO QUE SOU: INTERLOCUÇÕES ENTRE MERLEAU-PONTY E LACAN

Iraquitan de Oliveira Caminha*
Francisco de Assis Bezerra Santos**

Resumo: O corpo é um tema fundamental para a psicanálise. Para a filosofia, encontrou em Merleau-Ponty sua maior expressão, em especial no livro *Fenomenologia da percepção* (2011). Em Lacan, figurou como ponto de partida em sua obra e perfez grande parte de seus ensinamentos em seus seminários. Problematizar o corpo parece necessário e imperativo, frente à tendência cada vez mais reificante do desenvolvimento científico acerca do sujeito e do seu corpo. Entre o biologizante e o subjetivo, filosofia e psicanálise são campos que tornam possível discutir a respeito de um tema tão contundente sem cair nas vertentes dissonantes do saber positivo ou simplesmente literário. O objetivo deste trabalho é argumentar, com Merleau-Ponty e com Lacan, de que forma o corpo se apresenta correlativo ao sujeito, e como se articula a formação do eu a partir do corpo próprio, termo marcante nos dois pensadores. Ao utilizar uma metodologia voltada para a leitura aprofundada dos textos dos referidos autores, foi possível refletir sobre as relações entre o corpo e formação do sujeito. Nesse sentido, o presente artigo oferece a oportunidade de perceber como os referidos pensadores, cada um em seu campo, tornou possível elaborar uma compreensão do papel primordial do corpo na experiência humana de tornar-se sujeito.

Palavras-chaves: Corpo próprio. Filosofia. Imagem. Psicanálise. Sujeito.

INTRODUÇÃO

O homem das ciências é o homem das certezas. Da busca incessante das certezas sobre a vida, o universo e tudo mais. O mal-estar na civilização se dá, atualmente, diante do fracasso do homem de descobrir o mundo através das lentes que levam longe no universo, longe nos

* Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (UCL). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação (IPÊ). Professor-pesquisador do Departamento de Educação Física, do programa associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPB. *E-mail:* caminhairaquitan@gmail.com

** Mestre em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica da Paraíba. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

tecidos do próprio corpo, que raramente é pensado como corpo próprio, esta experiência perceptiva que Maurice Merleau-Ponty nos ensina ser fundante para o sujeito mesmo. Há que se levar o corpo em consideração. Será que podemos dizer que a psicanálise corre em paralelo à filosofia?

"O que sou eu?" – é a pergunta que leva Descartes a fundamentar pela primeira vez na história das ideias o conceito de sujeito. O projeto do *Discurso do método* se encontra explícito em seu próprio título: trata-se de "procurar a verdade nas ciências". O que é verdadeiro para Descartes é o que pode ser concebido "clara e distintamente" unicamente pela razão. Eis o passo precursor para o desenvolvimento da ciência moderna. O sujeito que será definido pelo método cartesiano não é outro senão o sujeito da ciência. É esse mesmo sujeito da ciência sobre o qual opera a psicanálise – eis a tese de Lacan. Sem o advento do sujeito com Descartes, a psicanálise não poderia ter vindo à luz (QUINET, 2003, p. 11).

Apesar de não ser uma citação direta do próprio Jacques Lacan, esta elucidação de um psicanalista brasileiro nos serve como amostra e para localizar a filosofia não apenas historicamente anterior à psicanálise, constatação por demais óbvias, mas, podemos dizer, localizá-la a partir do que Lacan expôs em toda a sua obra: a psicanálise é necessariamente um sistema de pensamento devedor da filosofia. Se este fato é válido para todas as ciências, para todos os campos do saber, tanto melhor: é uma forma de enquadrar a psicanálise nesse corpo imenso de conceitos a respeito do homem, do mundo e do que não se explica. A psicanálise sempre foi vista como subversiva, desde Sigmund Freud, bem como Lacan e outros pensadores do próprio corpo de psicanalistas que recorreram a outros olhares (a filosofia, a linguística, a matemática) para pensar o inconsciente, o homem e suas relações com o mundo.

A psicanálise não pretende explicar a filosofia e a filosofia não tem em seu escopo de questões a psicanálise. Elas não se misturam, mas vale aqui localizar que é para dar conta do sujeito que interroga o mundo a partir da ciência que a psicanálise existe. Porque esse sujeito sofre, e em seu sofrimento está a assinatura de um inconsciente que, por mais que lhe seja estranho, lhe é próprio¹, e é esse estatuto que a psicanálise pretende apresentar ao sujeito que a ela se submete: a elucidação dessa verdade incompleta.

Fica claro, ao examinar os textos de Merleau-Ponty, especialmente aqueles que tangenciam e penetram na questão do corpo, mais especialmente o *Fenomenologia da Percepção*, o quanto ele pretende se distanciar da psicologia clássica, o quanto a veia filosófica se sobressai no

1 - Para isto, Lacan cunhou o termo "extimidade" (*extimité*, em francês). Trata-se de um neologismo para explicar algo que é ao mesmo tempo interior e exterior, está dentro e está fora. É algo topologicamente de fora que se apresenta fenomenologicamente dentro. Vale notar que, em latim, dispomos da palavra *extimus*, mas que talvez não deva ser relacionada ao neologismo de Lacan, e sim como oposição à palavra *intimus* (IANNINI, 2015).

trato que dá ao problema do corpo e como este é a sede e o próprio sujeito em constante formação. No campo da psicologia, em seus cursos na Sorbonne, aos alunos dava a deusa e a queixa a respeito de uma psicologia que pretendia seguir os passos de uma medicina que toma o corpo como objeto de estudo, como objeto da ciência, ao passo que só é possível qualquer visada ao corpo como sujeito, sujeito que sou em meu corpo que sou. O corpo não pode, definitivamente, ser reduzido à leitura objetiva e cristalizada das ciências positivas.

Também é preciso dizer, não obstante, que a psicanálise não deve ser colocada como correspondente ou correlata à filosofia como fenomenologia. Ao propor um inconsciente estruturado como linguagem, um psiquismo organizado nas amarrações possíveis e subjetivas, primariamente, desses três registros (real, simbólico, imaginário), Lacan estabelece um pensamento estruturalista, que por esta definição se distancia do caráter fenomenológico do pensamento merleau-pontyano. Decerto que não pretendemos refutar a interlocução ora proposta, senão apontar, justamente como diálogo, garantindo as distâncias cabíveis entre os pensamentos dos dois teóricos. O que em Merleau-Ponty é fenomênico, em Lacan diz respeito a uma condição de estrutura: por isso, imutável enquanto tal. Segundo nossa opinião, esse corpo próprio como fenômeno do ser não elimina a teorização lacaniana, aproximando-se em alguns pontos, desde que guardadas as devidas proporções no entendimento das naturezas de ambos os pensamentos.

MERLEAU-PONTY ENCONTRA LACAN

A Merleau-Ponty não escapou o caráter de incompletude no sujeito, e ele pôde afirmar isso em um exemplo por demais semelhante a Lacan, quando se refere ao estádio do espelho. Debruçando-se sobre a ideia de que não podemos tomar o corpo como objeto, o filósofo cita a imagem no espelho: "ela ainda me remete a um original do corpo que não está ali entre as coisas, mas do meu lado, alguém de qualquer visão" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 135). Ele não nomeia de objeto *a*, causa do desejo, como faz Lacan, mas fica evidente que ao filósofo não escapou o fato de que aquilo que o espelho mostra, a imagem (também a partir de outras fontes, até mesmo nas ressonâncias, cada vez mais potentes, que esquadriham o corpo humano por dentro), jamais vai mostrar o corpo pleno, o corpo próprio, porque ele se constitui a partir de um real que não pode ser dito, mostrado, figurado em uma imagem.

O estádio do espelho é um correlato da tópica do imaginário. Será sempre uma tentativa justificada de fazer a diferença entre a imaginação e o imaginário, registro no qual encontramos a imagem na formação do sujeito. Merleau-Ponty decerto não diria na mesma letra que Lacan, se é que diria algo a respeito, mas não é difícil encontrar em sua obra algumas colocações a respeito de uma imagem que parece ser a do espelho, que é de interesse à nossa argumentação:

A palavra imagem é mal reputada porque inconsideradamente se acreditou que um desenho era um decalque, uma cópia, uma segunda coisa, e a imagem mental era um desenho desse gênero do nosso "bric-à-brac" privado. Mas, se, com efeito, ela não é ainda semelhante, o desenho e o quadro, da mesma maneira que ela, não pertencem ao em-si. São o *interior do exterior* e o *exterior do interior*, que a duplicidade do sentir possibilita, e sem os quais nunca se compreenderá a *quase-presença* e visibilidade iminente que constituem todo o problema do imaginário (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 40, grifos nossos).

Escapa-se aí ao entendimento errôneo que poder-se-ia fazer do imaginário; é o próprio Merleau-Ponty (1969, p. 40) que nos avisa. Uma imagem do corpo que está se formando em função do eu e que ao mesmo tempo não é o eu, pois uma imagem de uma coisa em si não seria uma imagem de tal coisa. Mas, a imagem diz do corpo, do corpo próprio. E é nesse jogo imagético que está contido e que figuram as minúcias da vida cotidiana, nas relações do sujeito com o mundo, onde temos uma "quase-presença" de algo que escapa daquilo que se vê no corpo quando utilizamos o estranho recurso que é o espelho que, como o filósofo diz, possibilita-me a visão do corpo todo que eu não teria de outra forma, mas que obviamente não é o corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 40). Entendemos, a partir disso, que há um deslizamento entre essa imagem do corpo e o corpo (próprio), e nesse deslizamento está o eu e seus arrolamentos no palco da vida, e isso construtivamente.

O imaginário está muito mais perto e muito mais longe do atual; mais perto, visto ser o diagrama da sua vida em meu corpo, a sua polpa ou o seu avesso carnal expostos pela primeira vez aos olhares [...] Muito mais longe, visto o quadro só ser um análogo segundo o corpo, visto ele não oferecer ao espírito ocasião de repensar as relações constitutivas das coisas, mas ao olhar, para que este os espouse, os vestígios da visão do interior, e à visão *aquilo que a atapeta interiormente, a textura imaginária do real* (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 41, grifo nosso).

Mesmo para um leitor de Lacan, se desavisado, o trecho acima passaria facilmente por um dito do psicanalista francês. O caráter "muito mais perto e muito mais longe do atual" que o filósofo indica faz ressoar a noção de extimidade que apresentamos há pouco. Merleau-Ponty fala da arte e assim desliza para a imagem e o imaginário, sugerindo-nos como este análogo do corpo – a imagem – é também uma outra coisa e ao mesmo tempo algo da coisa em si. O imaginário se articula com o real, e essa articulação está em uma das bases do sujeito. O corpo imaginário diz do corpo real, mas não é o corpo real, que é em si inalcançável em seu "em si".

O que olho no espelho é uma figura muitíssimo semelhante a mim, mas não sou eu, não é todo o meu corpo (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 41). O objeto a , ou esse dado de incompletude

que Merleau-Ponty situa ausente na figura do espelho também não se trata de nada do transcendente, mas do "aquém de qualquer visão". Por este dito é que sustentamos que o filósofo trata da mesma coisa que trata Lacan: algo da constituição do sujeito.

De fato, Merleau-Ponty também foi professor de psicologia, como dito. Decerto não era clínico, mas a ele não fugia a noção de que é nas assim chamadas patologias que encontramos um tanto do funcionamento dito normal, em termos de psiquismo. Na sua obra mais conhecida, ele partiu em vários momentos de reflexões sobre o famoso paciente Schneider, sujeito que o levou a fazer uma série de questionamentos sobre esquema corporal, corpo próprio e intencionalidade, reutilizando suas indagações e conclusões a respeito de como este paciente em particular – porque só assim se pode tratar o sujeito – e como o sujeito dito "normal" operam no mundo vivido, em seu corpo próprio. Naturalmente, não fazia parte de seu ensino a prática clínica, então ele não propõe método de tratamento ou de cura, não analisa prognóstico, aliás, o psicanalista, se faz isso, o faz muito parcamente, deixando para o cientista psicólogo tal empresa.

O que Merleau-Ponty faz é o trabalho de filósofo: naquilo que é presente (no caso, a patologia de Schneider) indaga o que pode ser geral; o que pode, senão conduzi-lo a uma verdade, levá-lo a um caminho na busca de alguma verdade, ainda que incompleta, ainda que parcial. Nesse sentido, somos levados a lembrar do início do caminho de Sigmund Freud, aquilo que o levou às inquietações que ao longo de décadas fomentaram a descoberta do inconsciente, a criação de um *corpus* teórico, que hoje em dia, e sempre a partir dele, chamamos de psicanálise.

Ora, foi inquietado com as histéricas que Freud chegou ao inconsciente, e para tentar dar conta dele, lançou-se a trabalhar e teorizar a sua metapsicologia. Foi porque o adoecimento da histeria não tinha explicação nos tecidos cerebrais que Freud percebeu que algo mais se ocultava nos comportamentos e sintomas de seus pacientes. Ao compreender que os pacientes "mentiam" é que ele pôde dar conta da fantasia como processo fundamental de enfrentamento da realidade psíquica e da demanda do outro. Há pouco vimos Lacan debruçado sobre como se dá esse processo de enquadrar a si mesmo, e com isso o outro, nesse mesmo circuito de si mesmo, ou seja, a fantasia, que apesar de não corresponder a tal, não é possível senão pelo campo do imaginário, da relação com o outro a partir de uma identificação que remonta aos primórdios do eu, da formação da função do eu, do estádio do espelho e da tópica do imaginário.

Entendemos, ao examinar Merleau-Ponty e Lacan, considerando o estádio do espelho, que é possível identificar uma intencionalidade paradoxal, para dizer o mínimo: sou sujeito quando escolho aquilo que quero ver, sou sujeito quando dou atenção àquilo que quero ouvir, sobretudo, sou sujeito quando, mesmo contra minha aparente vontade, acabo dando atenção a algo que supostamente não quero ouvir. Ao falar do sujeito, especialmente sob a ótica da psicanálise, seguindo a esteira acima comentada por Freud, ao pinçar entre os

sintomas histéricos aquilo que falava do sujeito do inconsciente, é premente, diríamos óbvio, que se tratasse de um paradoxo. Mesmo na interpretação psicanalítica, o sujeito tende a escapar naquilo que o analista tenta decifrar e que precisa muitas vezes de um tempo mais curto para chegar a uma verdade – sempre inconsciente – mais profunda, por assim dizer.

Em um ato falho acabo dizendo algo que aparentemente não queria dizer, e que insistiria fortemente que não pretendia dizer, mas digo por ser algo do desejo que estava recalcado.² Nas palavras de Lacan (1998, p. 230), "é um discurso bem-sucedido". Naquilo que escutamos, também há uma predisposição de chegar àquilo que vulgarmente chamamos atenção. Pensando com Lacan sobre os significantes, sobre um inconsciente estruturado como linguagem, entendemos que haverá sempre algo do significante que nos pegará, tomará nossa atenção.

Uma intencionalidade, tratando-se do sujeito do inconsciente, para o qual determinadas palavras, sons e imagens despertam um interesse de um desejo que seja dado sequer em análise, mas é um sinal real, que por ser tão real, é indizível. Todavia, o indizível se faz presente nas formações do inconsciente que experienciamos todos os dias, em geral sem nos darmos conta, até que isso influencie em uma intenção mais pragmática, podemos dizer, consciente.

O corpo da imagem torna-se assim [imaginário, por ser o corpo da unidade corporal] um corpo falante. Mas, o que é exatamente um corpo falante? O que torna humano um corpo é que ele seja, com efeito, um corpo falante. O termo "falante" não funciona aqui como um adjetivo que complementaria um substantivo definido de antemão – o corpo – acrescentando-lhe o ato de falar. O erro habitual da psicologia é pensar que a fala é uma função cognitiva do corpo, um comportamento aprendido, ainda que ela seja sustentada de maneira inata em uma estrutura profunda do organismo. Isso é falso. Nem a fala nem a linguagem são redutíveis a funções cognitivas, pois essas funções, entendidas como funções orgânicas, dependem *a priori* da relação do sujeito como significante, com a estrutura da linguagem que o precede, enquanto corpo e enquanto ser que fala. De fato, uma língua não se aprende, ela se transmite a partir de uma experiência de gozo que toca o corpo da imagem (BASSOLS, 2016, p. 2).

Como se vê, no desenvolvimento mais atual da psicanálise de orientação lacaniana, seguimos em oposição à redutibilidade das funções do eu a meras funções corporais, como o

2 - O básico entendimento sobre a teoria do recalque: aquilo da pulsão que é presa, permanecida em um nível inconsciente, acaba por vir à tona de alguma maneira, como formação do inconsciente, como é o ato falho. Quando, por força também inconsciente, do supereu, uma pulsão é mantida oculta, a algum momento ela irá aceder na lona da vida anímica do sujeito, por exemplo, através do ato falho, classicamente exemplificado por Freud na pessoa do congressista que, com parco interesse em levar a cabo uma sessão enfadonha da câmara, diz, na abertura dos trabalhos daquele dia de votação: "declaro encerrada a sessão!" (FREUD, 2012, p. 72).

texto acima aponta, e as funções cognitivas, como a fala. O sujeito da possibilidade e da intencionalidade, do corpo próprio no mundo vivido, que é o sujeito de Merleau-Ponty que se apresenta como relacionado ao eu imaginário lacaniano, não se resume ao conglomerado de tecidos, carne e ossos, mas também não pode ser tomado como um somatório de funções que se interligam e formam um todo que seria mais próximo do ideal. Lacan tenta distanciar como sendo um total impossível ao eu, a não ser pelo viés da loucura. A psicanálise vai dizer que há aí o que o Bassols acima chama de "relação do sujeito com o significante", que demonstra a intencionalidade evidente no lançar-se do sujeito no mundo e aos objetos.

Parece-nos, então, que Merleau-Ponty de fato encontra Lacan, na medida em que preservamos o caráter fenomenológico do seu pensamento, sem querer imiscuir as duas teorias, apenas considerando-as em separado, como insistimos que deve ser toda a forma possível de dialogar com a psicanálise e filosofia.

O ESQUEMA CORPORAL MERLEAU-PONTYANO E O ESTÁDIO DO ESPELHO LACANIANO

Ao filósofo francês não escapa o entendimento de que nós, seres humanos, sujeitos, não somos apenas um amontoado de órgãos, um sistema repleto de tecidos que funciona. O outro, na ciência, talvez, pode até tomar assim, e basta nos lembrarmos de nossa última consulta com um médico para sabermos que, sim, o outro pode nos tomar dessa forma, e isso não é, necessariamente, um problema. Mas, para mim, diz Merleau-Ponty (2011, p. 143), não posso ser tomado assim, "meu corpo inteiro não é para mim uma reunião de órgãos justapostos no espaço". Essa ideia ajuda a distinguir o sujeito do corpo próprio da determinação de objeto que se poderia ter na psicologia clássica.

Voltando a Merleau-Ponty, e destacando o subtítulo, vem a pergunta: então, esquema corporal e estágio do espelho se correspondem? Sim e não, especialmente não. Uma distinção patente seria de ordem cronológica. Quando Merleau-Ponty se refere ao esquema corporal, o sentido está bem no presente, e isso faz com que possa ser a qualquer momento. Ou seja, o esquema corporal pode ser pensado aqui e agora. Enquanto estamos digitando um texto, temos nosso esquema corporal a serviço do entendimento do que é nosso corpo próprio, e daqui a cinco minutos, também, cinco minutos atrás, igualmente – este caso, talvez, seja questionável – e amanhã, e assim por diante, dependeremos do nosso esquema corporal até mesmo para atuar no mundo sensível. Essa forma gestáltica que representa "uma tomada de consciência global de minha postura no mundo intersensorial" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 145) é algo sempre presente, não restrito a um momento.

O sujeito do corpo próprio está no mundo, no mundo vivido. "É vidente e é visível" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 146), sugere o filósofo. Mas, não é dado *a priori*, não se deve procurar ver um caráter imanente do corpo próprio com relação ao mundo, pois aquele é o

resultado de um processo que, insistimos aqui, parece se dar no estádio do espelho lacaniano. É a partir de um corpo que é carne que se dá o corpo próprio.

Essa interioridade não precede o arranjo material do corpo humano, e tampouco dele resulta. Se nossos olhos fossem feitos de tal sorte que nenhuma parte do nosso corpo nos incidisse sob o olhar, ou se algum maligno dispositivo, deixando-nos livres de passear as mãos sobre as coisas, nos impedisse de tocar o corpo – ou simplesmente se, como certos animais, tivéssemos olhos laterais, sem sobreposição dos campos visuais –, esse corpo que se não refletisse, que se não sentisse; esse corpo quase adamantino, que inteiramente não fosse carne, também, não seria um corpo de homem, e não haveria humanidade. Porém, a humanidade não é produzida como um efeito por nossas articulações, pela implantação dos nossos olhos (e ainda menos pela existência dos espelhos que, no entanto, *são só o que torna visível para nós o nosso corpo inteiro*). Estas contingências, e outras semelhantes, sem as quais não haveria homem, por simples soma não fazem que haja um só homem. (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 38-39, grifos nossos).

Podemos agora retomar o que já utilizamos a respeito deste filósofo, que dizia: "só se vê aquilo que se olha" (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 33). Não pretendemos aqui fazer da intencionalidade narrada por Merleau-Ponty correlato do desejo que vemos operar na psicanálise, mas podemos dizer que são conceitos que dizem do sujeito, este que é no corpo próprio, com Merleau-Ponty, e do inconsciente, com Freud e Lacan. Não há movimento em que este sujeito não esteja presente, ainda que determinado como "involuntário" segundo algum ditame de uma ciência válida.

Já o estádio do espelho lacaniano é um momento, é um fenômeno com uma localização temporal, apesar de não determinada exatamente para todos. Lacan informa que esse evento se dá por volta dos 18 meses, mas obviamente não se trata de um tempo preciso, aliás, tal idade seria bastante discutível. Ele utiliza o estádio do espelho para explicar uma etapa inaugural da formação do eu, trata-se de um Lacan às voltas com as questões relacionadas ao registro do imaginário, e como a partir desse conceito se pode entender o processo de subjetivação, por assim dizer. O filósofo, por outro lado, usa seu esquema corporal para designar o estado perceptivo do sujeito a respeito do corpo próprio, em todo o tempo.

Porém, podemos ainda dialogar sobre esses dois conceitos, que não idênticos, não se eliminam, não se contradizem, e que inclusive podem ser complementares em nosso argumento. Ora, o que figura no imaginário proposto por Lacan no estádio do espelho? O corpo! A tomada de consciência ou, para utilizar os termos lacanianos daquela época, a assunção jubilatória, é a atitude de assumir em contentamento e excitação o delineamento do corpo que se perfila no espelho e em báscula com o olhar do outro. Esse delineamento está em consonância com o surgimento, talvez, de um esquema corporal, este sim, o esquema corporal

proposto por Merleau-Ponty. Se percebemos no conceito de esquema corporal uma unidade gestáltica do corpo próprio em sua intencionalidade, teremos esta intencionalidade também a partir do momento que o eu, na experiência metafórica do espelho, passa a ter condições, por ser unidade, e por haver discurso, lançar-se ao outro, aos objetos: ao outro tomado nas relações objetais.

E do que se trata essa função de que Lacan fala nos *Escritos* (1998) e que entendemos ser também coerente com o sujeito do corpo próprio merleau-pontyano? Função do eu, intencionalidade. Intencionalidade e desejo. Entre mim (*moi*) e o Outro, o que há é o desejo, poderíamos dizer com Lacan, e entre mim e o objeto, o que há é a intencionalidade, afirmamos com Merleau-Ponty. Este corpo que sou e disso não posso duvidar, e mesmo se duvido, ainda sou – aqui Descartes nos ajuda – é intencional, lança-se no mundo vivido e no desejo que opera as relações imaginárias com o Outro; e é justamente aqui que encontramos a perspectiva do que vem a ser este Outro, diverso daquilo que costumeiramente chamamos o outro, o semelhante.

No esquema lambda, Lacan deixa clara a relação do eu como apreendedor dos objetos, tal qual o corpo em Merleau-Ponty. Se temos uma função do eu que parte do corpo próprio enquanto percebido (assunção jubilatória) na imagem especular, entendemos que os franceses falam, senão do mesmo processo, pelo menos do mesmo resultado: um eu, um sujeito que é em seu corpo, também a partir de seu corpo, e que é dessa quadratura que partem todas as suas relações no mundo vivido, e com o Outro.

Não é precisamente a mesma coisa – não nos é oculto que estes pensadores discordariam em alguns aspectos se seus respectivos pensamentos acerca do homem tivessem sido postos, a saber, o que apontamos na seção anterior, sobre o paralelo que não se poderia imiscuir, entre fenomenologia e psicanálise, em especial o desenvolvimento do pensamento lacaniano, estruturalista, que nem por isso invalida o desenvolvimento inicial, sempre válido – mas temos que o corpo próprio de Merleau-Ponty guarda fortes semelhanças não com o eu do estádio do espelho em si, mas que é este corpo próprio que serve à metáfora do estádio do espelho. Nesse sentido, não nos parece despropositado o uso que Lacan faz do termo corpo próprio em seus escritos sobre a tópica do imaginário e o estádio do espelho.

O corpo como espelho do outro diz da metáfora do espelho, mas também da relação com o Outro. Com ou sem espelho, a criança está diante do outro, o semelhante, e no registro do Outro. Porque sempre há o Outro, da mesma forma que o eu sempre é no corpo. Porque o eu parte do corpo – como imagem – e é no corpo – como função. O corpo que sou é evidenciado nos desenvolvimentos teóricos de Merleau-Ponty e Jacques Lacan, cada um à sua maneira, respectivamente, como fenômeno e como estrutura, mas um homem não apartado do corpo, não somente tributário, mas sendo este corpo.

Dessa tentativa de interlocução sobre dois pensadores de tamanha envergadura, cedo surgiu uma questão problemática: se essa interlocução de fato seria possível, e mais, se seria

passível de um trabalho filosófico. Percebemos que não somente a interlocução é possível, como é frutífera. Seria arriscado pensar – sem base em literatura comprobatória – que o percurso epistemológico de um pensador tenha influenciado diretamente no do Outro a respeito do corpo e do sujeito, apesar de serem contemporâneos e amigos.

Fica claro que a conceituação lacaniana do estágio do espelho como formador da função do eu é preciosa mesmo para compreender a noção de esquema corporal e corpo próprio desenvolvida por Merleau-Ponty. Ou seja: o que Lacan observa a partir da prática clínica e tenta organizar em forma de uma epistemologia, o resultado desse processo (e não da conceituação, fique claro) Merleau-Ponty encontra não somente presente no corpo próprio, mas sendo fenomenologicamente o corpo próprio. Ora, levando-se em consideração que ambos investigavam o sujeito, bem como suas relações com o corpo, temos aí de fato um provável encontro, cuja amarração tentamos ensaiar neste momento.

Ao seguir um rigor filosófico em pesquisa, foi-nos interposto o óbvio limite: prescindir de casos clínicos na pesquisa em si e na composição do material escrito, o que logramos respeitar sem certa surpresa. Como dito antes, o esforço de Lacan em tentar salvar a psicanálise de um biologismo ao qual Freud se viu necessariamente implicado por sua época e sua premência de desenvolver uma teoria aceitável como ciência, isto é, a tendência lacaniana a dar à psicanálise um teor filosófico. Essa foi a via possível dessa pesquisa ser realizada como interlocução no campo da filosofia. O rigor de seus escritos e do material produzido no circuito do seu pensamento permitiram articular os conceitos do psicanalista aos conceitos do filósofo, que manteve objetos de estudos que entendemos como próximos e de grande interesse para a psicanálise.

Ao voltar, agora, o olhar para esse filósofo, percebe-se como Merleau-Ponty manteve em sua obra o interesse por assuntos intimamente ligados aos pensamentos dos pós-freudianos: a linguagem, o corpo, o outro, a sexualidade. Então, foram os caracteres acima descritos a respeito dos dois pensadores que possibilitou fazer este trabalho no campo da filosofia, abrindo mão inclusive da principal e mais comum via de pesquisa psicanalítica, a clínica. Assim, a psicanálise como pensamento pôde ser visada pela filosofia enquanto pesquisa.

The body that I am: interlocutions between Merleau-Ponty and Lacan

Abstract: Body is a fundamental theme into the psychoanalysis. In philosophy, it found in Merleau-Ponty its most significant expression, especially in the masterpiece *Phenomenology of Perception* (2011). In Lacan, it was the starting point in his work and perfected much of his teachings in his seminars. To problematize the body seems necessary and imperative, in the face of the increasingly reifying tendency of scientific development about the subject and his body. Between the biological and the subjective, philosophy and psychoanalysis are fields that make possible the discussion about a subject so strong without falling into the dissonant hills of positive or simply literary knowledge. The objective of this work is to argue, with Merleau-Ponty and Lacan, how

the body presents itself as correlative to the subject, and how the formation of the self is articulated from the body itself, a striking term in the two thinkers. When using a methodology aimed at the in-depth reading of the texts of these authors, it was possible to reflect on the relations between the body and the subject's formation. In this sense, the present article offers the opportunity to perceive how the said thinkers, each in their field, made possible the elaboration of an understanding of the primordial role of the body in the human experience of becoming subject.

Keywords: Image. Own-body. Philosophy. Psychoanalysis. Subject.

REFERÊNCIAS

BASSOLS, M. Corpo da imagem e corpo falante. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 10., 2016, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.congressoamp2016.com/uploads/53c2488eebb849ba919a5646a3a0e5028cdd0791.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

FREUD, S. *Conferências introdutórias de psicanálise: 1916-1917*. Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

IANNINI, G. Extimus, intimus. *A diretoria na rede*, DR 2015. Disponível em: <<http://www.ebp.org.br/a-diretoria-na-rede/extimidade-extimus-intimus-gilson-iannini/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. *Escritos: campo freudiano no Brasil*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

QUINET, A. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Recebido em março de 2017
Aprovado em outubro de 2017